18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

PAISAGEM COMO MÉTODO

Leitura e interpretação do território em McHarg, Lynch e Spirn

ST3 – Paisagens e memórias

LANDSCAPE AS METHOD

Territorial Reading and Interpretation in McHarg, Lynch, and Spirn

RAGONHA, Jéssica
Doutora em Arquitetura e Urbanismo | IAU USP | São Carlos, SP, Br | jessicaragonha@gmail.com.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9486-7208

SCHENK, Luciana Bongiovanni Martins
Professora Doutora em Arquitetura e Urbanismo | IAU USP | São Carlos, SP, Br | lucianas@sc.usp.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7944-7782

RESUMO

Este artigo propõe uma estratégia metodológica de leitura e interpretação da paisagem a partir da interlocução entre as contribuições de Ian McHarg, Kevin Lynch e Anne Whiston Spirn, autores referenciais aos campos da Arquitetura da Paisagem e do Planejamento Urbano e Regional. Partindo da compreensão da paisagem como interface entre natureza, cultura e sociedade, o trabalho articula análise ecológica, experiência perceptiva e narrativa visual como fundamentos para o planejamento e o projeto territorial. Tomando por base as obras *Design with Nature* (1969)*, Managing the Sense of a Region* (1976) e *The Eye is a Door* (2014), delineia-se um processo estruturado em três momentos interdependentes – aproximação, leitura em campo e interpretação – que integra cartografia, experiência sensível e representação visual. Ao reconhecer a paisagem como estrutura dinâmica e multiescalar, a proposta busca contribuir para a formação e atuação em Arquitetura da Paisagem, reafirmando seu papel diante dos desafios contemporâneos de reconciliação entre natureza e cidade.

Palavras-chave: paisagem; método; leitura territorial; fotografia; Arquitetura da Paisagem.

ABSTRACT

This article proposes a methodological strategy for reading and interpreting landscape through a dialogue between the contributions of Ian McHarg, Kevin Lynch, and Anne Whiston Spirn, key authors in the fields of Landscape Architecture and Urban and Regional Planning. Based on an understanding of landscape as an interface between nature, culture, and society, the study articulates ecological analysis, perceptual experience, and visual narrative as foundations for territorial planning and design. Drawing on the works Design with Nature (1969), Managing the Sense of a Region (1976), and The Eye is a Door (2014), the paper outlines a process structured into three interdependent stages—approach, field reading, and interpretation—which integrates cartography, sensory experience, and visual representation. By recognizing landscape as a dynamic and multiscalar structure, the proposal seeks to contribute to education and practice in Landscape Architecture, reaffirming its role in addressing contemporary challenges related to the reconciliation of nature and the city.

Keywords: *Landscape; Method; Territorial reading; photography; Landscape Architecture.*

1 INTRODUÇÃO

A intensificação das crises ambientais e climáticas, associada à expansão urbana fragmentada e à dissociação entre infraestrutura e processos naturais, tem evidenciado os limites de abordagens setoriais no planejamento territorial. Cursos d'água canalizados, solos impermeabilizados e a supressão de sistemas ecológicos expressam modos de compreender o território que separam natureza e cidade como esferas independentes.

No campo da Arquitetura da Paisagem, essa dissociação é historicamente tensionada pela compreensão da paisagem como estrutura relacional, na qual processos ecológicos, práticas sociais e construções culturais e simbólicas se entrelaçam. Mais do que questão técnica e infraestrutural, cenário ou forma estética, a paisagem constitui campo de mediação entre natureza e cultura, articulando escalas, tempos e experiências.

Entretanto, apesar de sua potencial capacidade de articular conceitos e disposições, a paisagem ainda participa, em terras brasileiras, dos processos de planejamento e projeto de forma secundária, frequentemente associada à qualificação formal e estética de intervenções previamente definidas. Ao não operar desde o início como fundamento da leitura territorial, decisões de plano e projeto tendem a desconsiderar tanto as dinâmicas ecológicas – relevo, hidrografia, solos, vegetação – quanto os valores e práticas inscritos no território.

Defende-se, portanto, que a paisagem deve atuar como fundamento do planejamento e do projeto, orientando a compreensão do território antes da definição das intervenções. Assumir essa perspectiva implica reconhecer sua complexidade e mobilizar metodologias capazes de articular dimensões objetivas e subjetivas, materiais e simbólicas.

É nesse horizonte que se inserem as contribuições de Ian McHarg, Kevin Lynch e Anne Whiston Spirn. Estes autores desenvolveram estratégias de leitura territorial que enfrentam a complexidade da paisagem com diferentes ênfases: McHarg sistematiza a análise e reflexão ecológica e cultural por meio da cartografia e das sobreposições entre elas; Lynch incorpora percepção, memória e identidade como dimensões estruturantes do território, ampliando a discussão à escala regional; Spirn articula ecologia, experiência sensível e narrativa visual, reconhecendo o olhar como instrumento ativo de interpretação.

A escolha desses autores fundamenta-se na identificação de uma genealogia metodológica que permite compreender a paisagem como fio condutor entre diferentes escalas e dimensões do território. A partir da interlocução entre suas propostas, este artigo integra essas matrizes em uma estratégia estruturada em três momentos interdependentes – aproximação, leitura em campo e interpretação –, reafirmando a paisagem como fundamento epistemológico e operativo do planejamento.

2 PAISAGEM COMO ESTRUTURA INTEGRADORA

Neste artigo, a paisagem é compreendida como meio relacional e estrutura integradora entre natureza e cultura. Essa perspectiva apoia-se sobretudo nas formulações de Jean-Marc Besse (2014) e Augustin Berque (2013). Para Besse, a paisagem constitui uma realidade híbrida, resultante da inscrição histórica das sociedades na natureza. Ela não é a natureza em si, mas natureza transformada, significada e vivida. Entre suas diferentes "portas" de entrada, interessa

aqui especialmente a paisagem como sistema relacional e como contexto de projeto – isto é, como campo onde se articulam materialidades ecológicas e sentidos culturais.

Berque, ao defini-la como questão que se estabelece entre, medial (*mediance*), reforça essa condição intermediária: a paisagem não está apenas no objeto nem apenas no olhar, mas na *relação que se estabelece entre ambos*. Ela é simultaneamente suporte físico e experiência, dado ecológico e construção cultural. Essa concepção desloca o entendimento da paisagem do plano da forma para o plano das relações.

A dimensão adotada neste trabalho, portanto, enfatiza a paisagem como elemento que integra objetividades e subjetividades (LIMA; RAGONHA; SCHENK, 2023). De um lado, reconhece os processos biofísicos – relevo, hidrografia, solos, vegetação – como fundamentos materiais do território. De outro, incorpora valores, memórias, identidades e práticas que qualificam esses mesmos elementos. A paisagem é entendida como totalidade dinâmica, constituída pela interação contínua entre esses planos.

Ao assumir essa posição conceitual, o artigo delimita seu campo de atuação: a Paisagem não é tratada como imagem, cenário ou categoria descritiva, mas como *meio epistemológico capaz de orientar a leitura e a ação.* É nessa condição integradora e relacional que a Paisagem se torna fundamento metodológico para o planejamento e para o projeto. A questão que se coloca, portanto, é como essa compreensão pode ser operacionalizada em instrumentos concretos na leitura territorial.

3 MATRIZES METODOLÓGICAS DE LEITURA DA PAISAGEM

Se, conforme argumentam Jean-Marc Besse e Augustin Berque, a paisagem constitui uma realidade relacional e medial, sua leitura não pode apoiar-se em um único procedimento analítico ou expressivo. Compreender o território exige articular diferentes formas de mediação entre processos ecológicos, experiência humana e representação, permeando distintas apreensões e escalas.

A análise comparativa das contribuições de Ian McHarg, Kevin Lynch e Anne Whiston Spirn permite identificar três matrizes metodológicas que, embora inter-relacionadas, organizam-se a partir de ênfases distintas. Em McHarg, a leitura estrutura-se prioritariamente na cartografia e na análise sistêmica do suporte biofísico; em Lynch, na incorporação da experiência perceptiva como dimensão estruturante do território; em Spirn, na articulação entre olhar, fotografia e narrativa visual como forma de interpretação.

A leitura das obras destes autores revela diferentes aproximações à complexidade da paisagem. Cada matriz evidencia aspectos que, em conjunto, possibilitam articular objetividades e subjetividades que potencialmente caracterizam a paisagem como uma totalidade dinâmica.

3.1 Cartografia e sobreposição

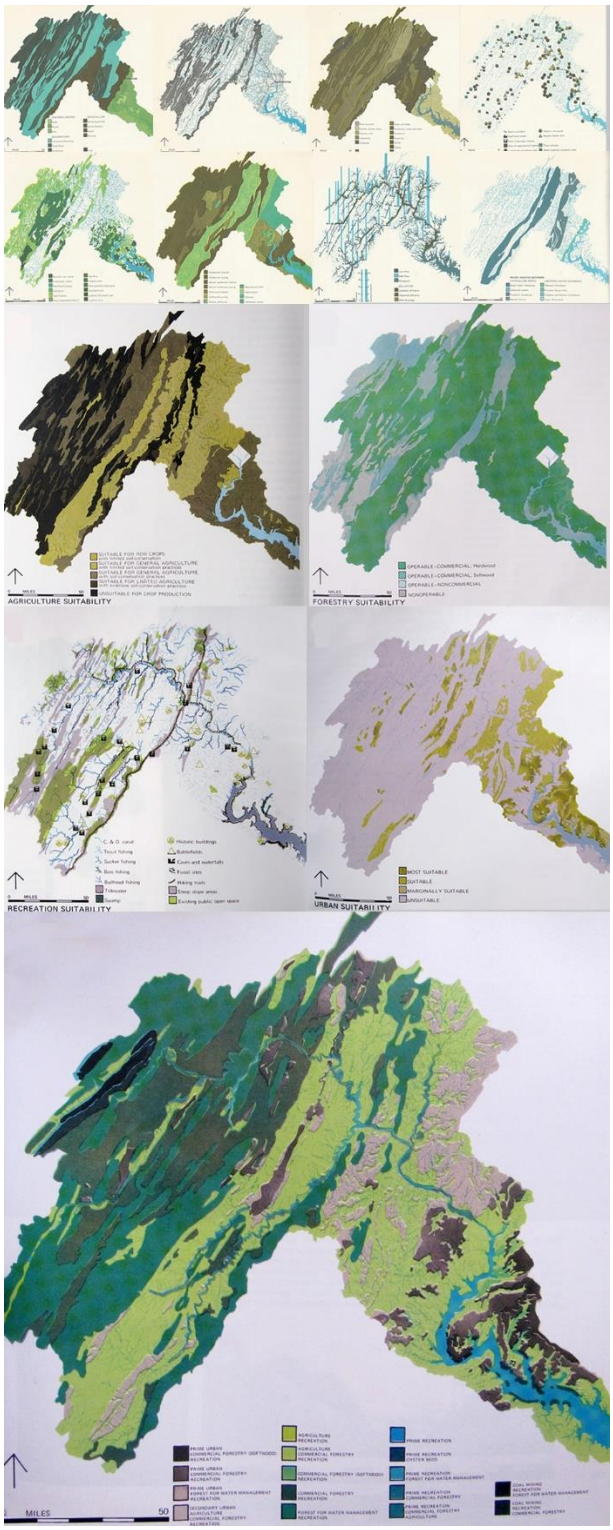
Ian McHarg (1920-2001), na obra *Design with Nature* (1969), traz uma proposta de planejamento ecológico como meio de reconectar processos naturais e de ocupação e desenvolvimento urbano. Contextualizado em um período norte-americano do pós-guerra, marcado por acelerada urbanização e degradação ambiental, McHarg busca construir uma

metodologia de leitura do território tomando por base principalmente aspectos como rede hídrica, declividade, vegetação, vida animal e tipos de solo, mas também avança ao reconhecer a presença e a relevância de terrenos de interesse histórico, cultural e cênico.

A sobreposição de cartografias constitui o núcleo estruturador do método de McHarg (figura 1). O autor trabalha com a elaboração de cartografias temáticas – como relevo, solos, hidrografia, vegetação – e estabelece o que denomina *índice de sensibilidade ecológica*, a partir do qual se promove a valoração de cada um dos temas trabalhados, observando as áreas mais ou menos adequadas a cada tipo de uso. Trabalhadas sob a forma de transparências, as cartografias são sobrepostas, possibilitando visualizar as compatibilidades e conflitos entre ocupação humana e suporte biofísico, reconhecendo a aptidão intrínseca (*intrinsic suitability*) de cada trecho do território.

A sobreposição de camadas não é, portanto, mero procedimento gráfico, mas operação analítica e de reflexão, que transforma dados em leitura complexa e inter-relacionada. Ao revelar aptidões e fragilidades ambientais, o método estabelece critérios para orientar decisões territorialmente fundamentadas, como base para projetos, planos e políticas.

Figura 1: Cartografias de Ian McHarg. De cima para baixo: sequência de cartografias temáticas; sobreposições indicando adequação à agricultura, preservação (floresta), recreação e ocupação urbana; cartografia síntese das aptidões intrínsecas do território.



Fonte: Produzido pelas autoras com base em MCHARG, 1992.

3.2 Percepção e experiência regional

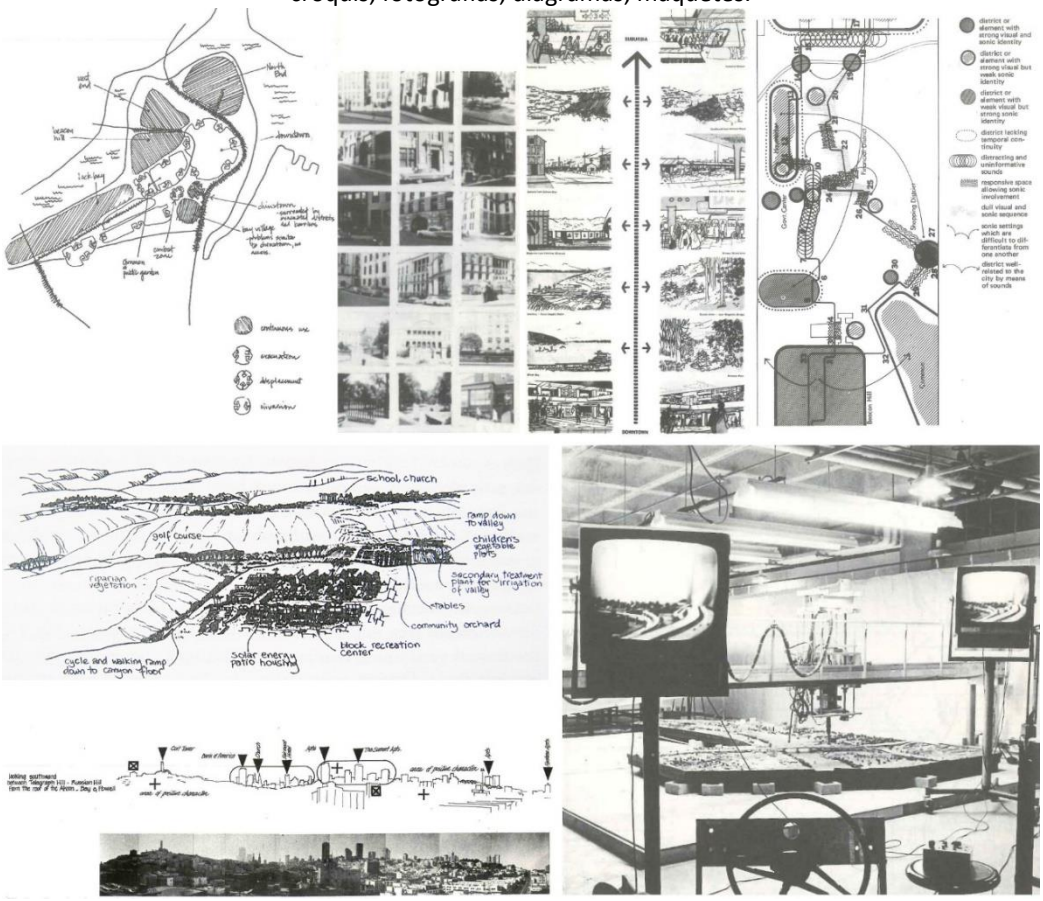
O urbanista Kevin Lynch (1918–1984), em *Managing the Sense of a Region* (1976), aprofunda questões anteriormente exploradas em sua conhecida obra *The Image of the City* (1960) ao propor uma leitura territorial fundada na experiência de seus habitantes. Mais do que descrever a forma urbana, Lynch investiga como ela é percebida, estruturada mentalmente e significada no cotidiano.

Ao incorporar a experiência humana como dimensão constitutiva da paisagem, o autor mobiliza diferentes instrumentos – mapas mentais, entrevistas, registros visuais e análises de elementos estruturadores – como estratégia para acessar a organização perceptiva do território por seus usuários (figura 2). A paisagem deixa, assim, de ser apenas suporte ecológico e passa a incluir identidade, memória e sentido de pertencimento.

Em *Managing the Sense of a Region*, Lynch amplia essa perspectiva à escala regional, ultrapassando limites administrativos e enfatizando a continuidade percebida e experimentada. A região não é definida apenas por critérios funcionais ou políticos, mas pela coerência vivida por seus habitantes.

Ao legitimar a dimensão subjetiva como componente do planejamento, Lynch tensiona a separação entre análise técnica e experiência cotidiana. A incorporação da percepção reintroduz aquilo que Berque denomina o “entre” da paisagem – a relação constitutiva entre sujeito e meio. A leitura territorial passa, então, a operar não apenas sobre dados físicos, mas sobre modos de habitar e significar o espaço.

Figura 2: Diferentes meios de representação utilizados por Kevin Lynch na leitura regional, incluindo croquis, fotografias, diagramas, maquetes.



Fonte: Produzido pelas autoras com base em LYNCH, 1977.

3.3 Fotografia e narrativa visual

Anne Whiston Spirn, discípula de Ian McHarg na Universidade da Pensilvânia, traz na obra *The Eye is a Door* (2014) o aprofundamento de reflexões iniciadas em *The Granite Garden* (1984), propondo que a leitura do território não se limite aos dados técnicos e objetivos, mas que permita ver, interpretar e narrar o mundo vivido.

Spirn introduz um deslocamento adicional ao *compreender o olhar como instrumento ativo de descoberta.* Em sua prática docente e investigativa*, a fotografia emerge como meio privilegiado de leitura da paisagem*. Segundo a autora, fotografar implica escolher, enquadrar, aproximar, comparar e sequenciar. Nessa compreensão, cada imagem constitui um recorte interpretativo e sua posterior organização revela padrões espaciais, permanências históricas e relações invisíveis à primeira vista. *O ato de editar e ordenar fotografias transforma-se em processo de pensamento e reflexão* (figura 3).

Ao articular ecologia e experiência sensível, Spirn integra as dimensões objetivas e subjetivas da paisagem, evidenciando que compreender um lugar exige tanto análise quanto envolvimento.

A fotografia, nesse contexto, intensifica o caráter mediador da paisagem. O enquadramento não captura simplesmente uma forma existente; *ele constrói uma relação entre o olhar e o mundo*. Ao ordenar imagens e produzir sequências narrativas, que explicitam descobertas e constatações, o processo fotográfico evidencia que a paisagem se constitui na articulação entre o que está lá e o modo como é percebido o contexto. Tal procedimento reforça a compreensão da paisagem como campo de relações, e não como objeto de simples definição.

Figura 3: Fotografias dispostas sobre a mesa, enquanto método de leitura proposto por Anne Spirn.



Fonte: SPIRN, 2014.

4 UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA DE LEITURA DA PAISAGEM PARA O PLANEJAMENTO

Se a paisagem é entendida como estrutura relacional e entidade medial, planejar com a paisagem implica operar por meio de um processo contínuo de mediação entre diferentes regimes de conhecimento — científico, sensível e representacional —, capaz de apreender a complexidade do território. Nesse contexto, a estratégia aqui proposta concentra-se nas etapas de leitura e interpretação, compreendidas como fundamento para os processos de planejamento e projeto.

A articulação entre diferentes meios de representação – cartografia, fotografia, mapas mentais, croquis, etc. – evidencia que a leitura da paisagem não se restringe à análise técnica nem à experiência isolada. Trata-se de um processo interpretativo que integra ciência, sensibilidade e linguagem.

Essa articulação metodológica permite compreender a paisagem como sistema relacional, no qual natureza, cultura e sociedade se manifestam simultaneamente em dados materiais, experiências vividas e narrativas visuais. A partir da interlocução entre McHarg, Lynch e Spirn,

propõe-se, portanto, uma estratégia metodológica de leitura da paisagem estruturada em três momentos interdependentes, que não se organizam como etapas lineares, mas como dimensões complementares do processo de conhecimento territorial – aproximação, leitura em campo e interpretação (figura 4) –, situadas previamente às etapas de proposição.

4.1 Aproximação

A primeira etapa da estratégia metodológica proposta consiste na aproximação à paisagem, baseada no levantamento cartográfico das informações previamente existentes e na análise sistêmica do território. Neste momento, mobilizam-se dados do meio físico, estrutura urbana, áreas de risco e elementos estruturantes da paisagem. Inspirada na leitura ecológica de McHarg, permite identificar preliminarmente fragilidades, aptidões e potencialidades do suporte biofísico.

Mais do que diagnóstico técnico, essa aproximação estabelece um primeiro reconhecimento das relações entre forma urbana e processos naturais, evidenciando condicionantes estruturais da paisagem.

4.2 Leitura em campo

A etapa seguinte compreende o contato direto com a paisagem, avançando ao incorporar percepção, memória e experiência sensível como dimensões constitutivas da análise. Neste momento, diferentes meios de representação devem ser convocados para expressar as objetividades e subjetividades do processo de leitura, como fotografias, croquis, mapas mentais e registros narrativos, dialogando com a abordagem perceptiva de Lynch e com o olhar investigativo proposto por Spirn.

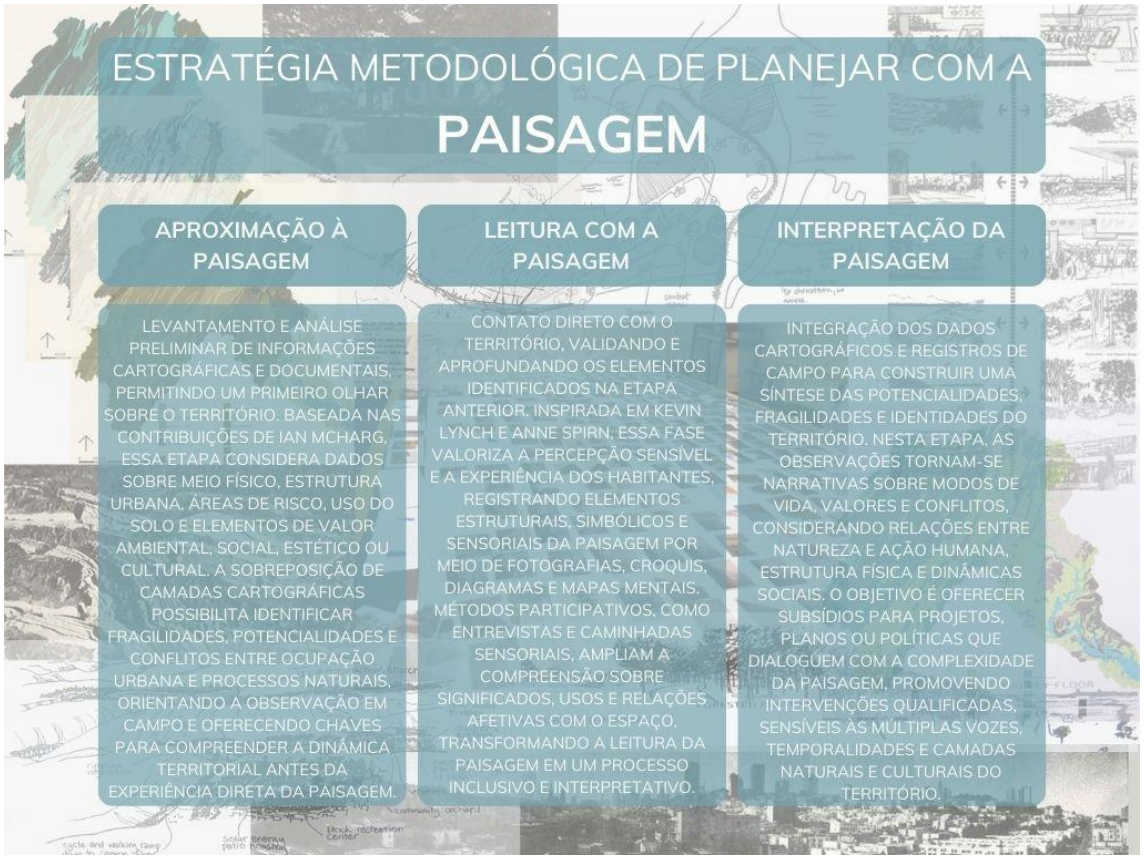
Aqui, a paisagem é vivenciada na escala do pedestre, revelando texturas, sons, fluxos, permanências e conflitos que escapam à visão panorâmica da cartografia. A experiência direta reintroduz o corpo e o tempo como componentes do processo de conhecimento.

4.3 Interpretação

A terceira e última etapa da proposta de *leitura com a paisagem* consiste na interpretação, sendo este um momento de síntese entre dados objetivos e experiências subjetivas. Fotografias, mapas e croquis tornam-se *narrativas da paisagem*, organizando informações dispersas em estrutura inteligível.

Não se trata de etapa conclusiva, mas de movimento contínuo de articulação entre análise e as premissas para as ações – de projeto, planos ou políticas públicas, configurando-se como transição entre a leitura da paisagem e a proposição.

Figura 4: Diagrama-síntese da estratégia metodológica proposta.



Fonte: RAGONHA, 2025.

5. DISCUSSÃO: POTENCIALIDADES E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

A estratégia metodológica proposta, fundamentada na articulação entre análise cartográfica, experiência perceptiva e interpretação, evidencia a necessidade de superar abordagens fragmentadas que ainda predominam no planejamento urbano e territorial. Ao reconhecer a paisagem como estrutura relacional, capaz de integrar processos ecológicos, práticas sociais e construções simbólicas, desloca-se o foco de soluções pontuais para uma compreensão sistêmica e multiescalar do território.

A dificuldade de consolidação dessa perspectiva está associada à persistência de uma racionalidade fragmentadora, que dissocia natureza e cultura como domínios autônomos, contrastando com a compreensão da paisagem como realidade híbrida, histórica e relacional, conforme argumenta Besse, e como mediação constitutiva entre homem e meio, segundo Berque. Nesse sentido, o desafio contemporâneo ultrapassa a dimensão técnica, configurando-se sobretudo como questão epistemológica.

Planejar com a paisagem, portanto, não se restringe à incorporação de critérios ambientais ao projeto urbano, mas implica a reconfiguração dos modos de conhecer e intervir no território. A paisagem torna-se meio de reconciliação entre natureza e cidade, não como síntese harmônica

idealizada, mas como campo de negociação contínua entre processos naturais, dinâmicas econômicas e experiências sociais.

A consolidação dessa abordagem, entretanto, enfrenta entraves estruturais no contexto contemporâneo. A crescente especialização das disciplinas fragmenta o território em compartimentos técnicos – drenagem, mobilidade, infraestrutura, habitação – dificultando leituras integradas. Nesse cenário, a setorização enraizada tende a reduzir a paisagem a uma variável complementar, frequentemente associada apenas ao meio ambiente, o que minimiza sua complexidade constitutiva.

Esse quadro é agravado pela fragmentação institucional entre órgãos públicos e escalas administrativas, que compromete a continuidade das estratégias territoriais. Enquanto os processos naturais não reconhecem limites político-administrativos, as políticas públicas permanecem, em grande medida, compartimentadas. Soma-se a isso a predominância de lógicas de curto prazo, associadas a ciclos eleitorais e demandas imediatas, que dificultam abordagens estruturais e de longo horizonte temporal – condição essencial para intervenções orientadas pela paisagem.

Adicionalmente, persiste o desafio de incorporar dimensões subjetivas – como memória, identidade e percepção – aos processos decisórios, frequentemente orientados por indicadores quantificáveis em detrimento da experiência vivida.

No contexto brasileiro, a formação do arquiteto e urbanista reúne competências que favorecem essa articulação. Ao reunir competências relacionadas ao projeto, à leitura territorial, à representação e à mediação entre diferentes escalas, essa formação possibilita articular dimensões que, em outros contextos, distribuem-se entre campos profissionais distintos. Tal característica pode favorecer a consolidação de abordagens que reconheçam a paisagem como fundamento integrador do planejamento.

Dessa forma, a estratégia metodológica discutida ultrapassa uma leitura comparativa de autores e aponta para a necessidade de reafirmar a paisagem como base epistemológica e operativa frente às emergências climáticas e socioambientais contemporâneas, contribuindo para a construção de abordagens mais integradas, críticas e sensíveis ao território.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo partiu da hipótese de que a paisagem pode constituir não apenas objeto de intervenção, mas método de conhecimento e de ação territorial, especialmente por meio de processos de leitura e interpretação que antecedem e participam da proposição. Ao revisitar as contribuições de Ian McHarg, Kevin Lynch e Anne Whiston Spirn, buscou-se evidenciar que, apesar de suas ênfases distintas – ecológica, perceptiva e narrativa –, seus trabalhos convergem na defesa da leitura do território como fundamento do planejamento.

A análise comparativa permitiu identificar três matrizes metodológicas de leitura da paisagem e, a partir delas, propor uma estratégia metodológica estruturada em aproximação, leitura em campo e interpretação. Mais do que uma sequência operacional, trata-se de um movimento contínuo de articulação entre dados objetivos e experiência sensível, no qual a paisagem emerge como campo relacional.

Ao compreender a paisagem como entidade relacional e medial, este artigo sustenta que *planejar com a paisagem* implica reconhecer o território como campo de interdependências entre processos naturais e construções culturais, compreendendo a paisagem como condição necessária de inteligibilidade do território.

Reafirmar a paisagem como fundamento epistemológico e operativo significa recolocá-la no início dos processos decisórios, como base da leitura e não como etapa complementar. Diante das crises socioambientais contemporâneas, essa perspectiva metodológica constitui contribuição central do campo disciplinar da Arquitetura da Paisagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERQUE, Augustin. **Thinking through Landscape**. Translated by Anne-Marie Feenberg-Dibon. Routledge: London, 2013.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**. Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

HOUGH, Michael (1995). **Naturaleza y Ciudad**. Planificación Urbana y Procesos Ecológicos. Barcelona: Gustavo Gilli, 1998.

LIMA, Maria Cecilia Pedro Bom de; RAGONHA, Jéssica; SCHENK, Luciana Bongiovanni Martins. A paisagem no planejamento e projeto do território: um breve percurso entre objetividades e subjetividades. **Arquitextos**, 2023. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.274/8732. Acesso em: 12 abr. 2026.

LYNCH, Kevin (1976). **Managing the Sense of a Region**. United States of America: The Massachusetts Institute of Technology, 1977.

MCHARG, Ian (1969). **Design with Nature**. New York: John Wiley & Sons, 1992.

RAGONHA, Jéssica. **Planejar com a Paisagem**: contribuições de McHarg, Lynch e Spirn para a integração entre natureza e cidade. 2025. 272p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2025.

SPIRN, Anne Whiston (1984). **O jardim de granito**: a natureza no desenho da cidade. Tradução: Paulo Renato Mesquita Pellegrino. São Paulo: Edusp, 1995.

SPIRN, Anne Whiston. **The Eye is a Door**: Landscape, Photography and the Art of Discovery. Wolf Tree Press, 2014.